

UM PÉ DENTRE TANTOS OUTROS: VIAGEM E VIVÊNCIA EM BELÉM DO PARÁ, UMA EXPERIÊNCIA DA ATIVIDADE COMPLEMENTAR DA FAU/UNB “PÉ NA ESTRADA”

A foot among many others: the journey and exposures of Belém do Pará,
an experience of the Complementary Activity of FAU/UnB “Pé na Estrada”

Ana Paula Gurgel¹

Ana Luísa Pedreira²

Júlia dos Anjos³

Nayane Batista Machado⁴

Rayan de Sant'anna⁵

RESUMO: O objetivo deste artigo é relatar a experiência da Atividade Complementar “Pé na Estrada”, vinculada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), especificamente sobre a viagem de estudos para Belém do Pará realizada em agosto de 2017. Com o intuito mostrar a realidade da cidade aos estudantes do curso, durante uma semana o grupo conheceu diversas produções arquitetônicas, paisagísticas, urbanísticas e as ações de preservação da memória. As visitas e aulas expositivas despertam o senso crítico acerca dessas intervenções no ambiente construído nas cidades visitadas. Como parte da proposta, os estudantes elaboraram os “Momentos Pé na Estrada”, que foram confeccionados durante e após a viagem com a intenção de desenvolver o olhar, a compreensão e a representação gráfica com inspiração na cidade e suas particularidades. Esses trabalhos compuseram a exposição “EXPO Belém” realizada em abril de 2018 na Galeria Christina Jucá da FAU/UnB.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade complementar, Arquitetura, Belém, Cidade, Vivência

ABSTRACT: The aim of this article is to report the experience of the Complementary Activity “Pé na Estrada”, proposed by the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of Brasília (FAU/UnB), specifically about the journey to the city

¹ Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. prof.anapaulagurgel@gmail.com

² Graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília. arqanapedreira@gmail.com

³ Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. judanjos.arq@gmail.com

⁴ Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. nnayane@gmail.com

⁵ Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. rayan.santanna@gmail.com

of Belém do Pará in August 2017. The activity had the objective of showing the city's reality and its urban life to build an understanding within the students of the course, during a week they developed a new sensibility and critical perception of the architectural, landscape and urbanistic productions, and contemplating preservation actions. Classes were also taken as part of the body of the work. The students had to produce "Moments", assignments with intent of nurturing views, building comprehension and engaging graphic representation of the city and its particularities, work developed within the time in Belém and, also, post journey. The assignments were then presented at the exposition "EXPO Belém" 2018.

KEYWORDS: Complementary activity, Architecture, Belém, City, Experience

INTRODUÇÃO

O Projeto Pé na Estrada é uma Atividade Complementar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB) que tem como intuito mostrar a realidade das cidades brasileiras aos estudantes do curso, para que, a partir disso, seja despertado um novo senso crítico acerca das produções arquitetônica, paisagística, urbanística e das ações de preservação da memória. A iniciativa surgiu no ano de 2011 com uma viagem para Goiânia, idealizada pelos professores Dr^a. Elaine Peixoto e Dr. Ricardo Trevisan e foi retomada anos depois, em 2013, pelos próprios estudantes. No ano de 2017, ocorreu a sexta edição do projeto, com a visita à cidade de Belém do Pará, após já ter percorrido Curitiba (agosto/2014), Belo Horizonte, Inhotim e Ouro Preto (março/2015), Rio de Janeiro (outubro/2015) e Salvador (agosto/2016).

No processo de formação acadêmica do Arquiteto e Urbanista, a experimentação prática dos espaços, quão intensamente eles são organizados por aspectos utilitários e emocionais, tem um papel balizador. Desde o Renascimento e, principalmente, a partir do século XVIII, com a organização das Academias de Belas Artes, iniciaram-se diversos programas de intercâmbio para os estudantes. Por exemplo, a Academia Francesa premiava seus melhores estudantes com o Prix de Rome, que constituía uma temporada de estudos na Itália para o contato direto com a cultura arquitetônica clássica (PEVSNER, 2005).

Ao longo dos anos, diversos arquitetos empreenderam viagens de estudo para formação de repertório plástico, conceitual e crítico em suas obras, a exemplo da emblemática viagem ao Oriente empreendida por Le Corbusier, transformada a posteriori em livro que influenciou diversas gerações (LE CORBUSIER, 2007). No contexto brasileiro, o aparecimento das viagens de estudos está ligado ao modelo de ensino praticado na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, no Rio de Janeiro, em inícios do século XX, sobre a égide do movimento Tradicionalista liderado por José Mariano Filho (BRUAND, 2008), que organizou intercâmbios e viagens de reconhecimento às cidades coloniais brasileiras (SODRÉ, 2010). Estas viagens são, por vezes, citadas como importantes formadoras da consciência nacionalista que guiará nos anos subsequentes a ânsia nacionalista do Movimento Moderno no Brasil, visto que Lucio Costa era um dos alunos da

ENBA que estudou in loco as cidades mineiras.

Nos currículos atuais, essa prática permanece, mas sob novos formatos. As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo instruem no artigo 6 que, dentre as várias maneiras que os conteúdos podem ser expostos, “[...] viagens de estudos para o conhecimento de obras arquitetônicas, de conjuntos históricos, de cidades e regiões que ofereçam soluções de interesse e de unidades de conservação do patrimônio natural” (MEC, 2010, p. 3).

Dentro do atual currículo da FAU-UnB, a atividade complementar “Pé na Estrada” tem por objetivo realizar viagens de estudos para cidades brasileiras. As visitas proporcionam aos estudantes uma experiência prática, despertando seu senso crítico acerca da produção arquitetônica e urbanística contemporânea, bem como das ações para preservação da memória e do patrimônio edílico. Cada viagem conta com a participação de 40 a 50 alunos com o acompanhamento de três a quatro professores e colaboradores convidados, com o auxílio de custo da Universidade de Brasília.

As aulas urbanas organizadas pelo “Pé na Estrada” desenvolvem-se em três etapas. Na primeira, a equipe, juntamente com suas professoras coordenadoras, trabalha em toda a estrutura para que a viagem aconteça, o que inclui a elaboração do roteiro, reservas de hospedagem e visitas, inscrições, divulgação e elaboração de um material que os estudantes possam levar durante a viagem¹. Ainda nessa etapa, os professores convidados ministram aulas expositivas antes da viagem visando fornecer aos estudantes preparação teórica sobre o destino. A segunda etapa acontece durante a viagem, na qual cada professor fica responsável por conduzir o grupo em pontos específicos do roteiro e é quando os estudantes participam dos “Momentos Pé na Estrada”, nos quais são incentivados a produzir desenhos, fotografias, colagens e projetos, a partir de suas percepções e vivências. Na última etapa, tem lugar a exposição sobre a viagem na qual os “Momentos Pé na Estrada” são expostos para que as pessoas conheçam mais sobre a viagem a partir do olhar dos futuros arquitetos e urbanistas.

Apesar do projeto ter a viagem como atividade principal, o Pé na Estrada possui outras vertentes que se desenvolvem durante o ano todo. Uma das vertentes é o Pé na Esquina, que tem como intuito compreender a dinâmica urbana-paisagística do Distrito Federal através de experiências de deslocamentos, percepções urbanas e visitas às obras arquitetônicas. A outra é o Pé com Pé, promovido a partir de palestras, tem como objetivo criar uma rede de troca de conhecimentos com eventos, passeios ou mesas redondas para estimular os estudantes e participantes a questionarem ou olharem a cidade sob outra perspectiva. Todas as atividades realizadas, com exceção da viagem que são destinadas somente aos estudantes da FAU, são abertas para todos os interessados em participar.

¹ Os “kits” como são chamados possuem diferentes configurações a cada edição do Projeto, podendo incluir itens como cartilha, com o roteiro e mapa da cidade, camisa, caderno de anotações, bolsa ecológica e garrafa.

DESCRIÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Antes da viagem, foi feita uma “tempestade de ideias” para a escolha do destino levando em conta a relevância das cidades dos pontos de vista arquitetônico, urbano e paisagístico. Para nossa sexta edição foi escolhida Belém do Pará. A cidade possui grandes riquezas cultural, religiosa, gastronômica e arquitetônica, contando com diversos monumentos, parques e museus, além de possuir importantes exemplares da Belle Époque (BASSALO, 2008) e obras da arquiteta paisagista Rosa Kliass² (MACEDO, 1999).

Ao longo do primeiro semestre de 2017, a equipe Pé na Estrada trabalhou em toda a estrutura para que a viagem acontecesse no início do semestre seguinte. Um conjunto complexo de atividade foi desenvolvido, incluindo a elaboração do roteiro dos lugares de interesse, reservas de hospedagem e visitas, organização das inscrições dos estudantes, divulgação e elaboração de um kit de viagem.

Parte da equipe ficou responsável pela elaboração do roteiro junto aos professores participantes da viagem. Este foi elaborado buscando abordar os pontos icônicos e de relevância sociocultural possibilitando aos alunos um entendimento prático da história da cidade e seu desenvolvimento urbano. Priorizou-se ainda a realização dos deslocamentos a pé, buscando a aproximação com a escala do pedestre, ou utilizando o transporte público para deslocamentos maiores. Foram planejados também os “Momentos Pé na Estrada” que consistem em atividades lúdicas entre as visitas de campo. Eles têm por intuito desenvolver o olhar, a compreensão e a representação gráfica dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo em relação à cidade e suas particularidades.

Concomitantemente, outra parte da equipe responsabilizou-se pela parte de marketing. Nesta etapa foi elaborada a identidade visual, utilizando uma paleta de cores desenvolvida a partir da leitura de imagens que traduziam a cidade que seria visitada. Utilizou-se o roxo e o verde claro que são cores muito encontradas na culinária paraense, principalmente por causa do açaí e das ervas. A logomarca desenvolvida foi utilizada na divulgação da viagem e também no material elaborado pela Equipe Pé na Estrada para os viajantes, composto por uma sacola personalizada, garrafa e cartilha (Figura 1), sendo este entregue na semana que antecedeu a viagem.

2 A arquiteta Rosa Kliass ressignificou o patrimônio arquitetônico e urbanístico de Belém com suas obras na criação de um museu a “céu-aberto”, trabalhando tanto em espaços públicos, quanto em espaços privados. Seu arcabouço teórico e prático são construções de excelência na paisagem belenense (SANT'ANNA et al, 2018). Foram visitados os projetos: Estação das Docas (1996-2000); Complexo Feliz Lusitânia (1996-2000); Parque da Residência (1998); Mangal das Garças (1999); Polo Joalheiro São José Liberto, Jardim da Liberdade (2000).



Figura 1. Material produzido pela Equipe Pé na Estrada. Foto gentilmente cedida por Brenda Oliveira, 2017.

A cartilha foi elaborada pela Equipe Pé na Estrada utilizando o roteiro final, mapas, textos de referência e imagens sobre os principais pontos que seriam visitados. Incluiu-se páginas em branco ao final para que os alunos pudessem registrar suas impressões da cidade por meio de desenhos, croquis, anotações, entrevistas, montagens, fotos, entre outros, constituindo assim um diário de viagem.

Na semana que antecedeu a viagem, entre os dias 7 a 11 de agosto, foram ministradas aulas expositivas pelos professores participantes da viagem, além de dois arquitetos convidados, possibilitando uma preparação teórica sobre o destino. As aulas sempre tinham como mote a cidade a ser visitada, a qual foi abordada dos pontos de vista da história, da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo. Em paralelo com esses temas, apresentou-se também uma aula pelo arquiteto convidado Ademir Rodrigo, sobre a cenografia da minissérie “Dois Irmãos”, cujas gravações foram realizadas na região norte do Brasil, e outra sobre psicogeografia e deriva urbana, tema de um dos Momentos Pé na Estrada, pelo arquiteto convidado Me. Orlando Nunes. As aulas foram abertas para toda comunidade acadêmica, possibilitando a participação de outras pessoas interessadas sobre o destino ou temas abordados.

A viagem foi realizada entre os dias 15 e 20 de agosto de 2017. Contou com a participação de 36 estudantes de graduação da FAU/UnB e com a colaboração dos professores Dr^a. Ana Paula Gurgel, Dr. Ricardo Trevisan e Dr^a. Elane Peixoto da FAU/UnB, da professora Me. Camila Gomes Sant’anna da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e mais um arquiteto convidado, Me. Felipe Musse (Figura 2).



Figura 2. Estudantes Participantes da viagem no Mangal das Garças. Belém/PA, agosto de 2017. Fonte: Acervo Pé na Estrada (gentilmente cedido).

MATERIAIS E METODOLOGIA

As atividades propostas pelo Projeto Pé na Estrada são distintas e variam de acordo com o destino da viagem e dos professores que dela participam. Contudo, um modelo fixo de organização constitui a linha de desenvolvimento do conteúdo da viagem.

A sequência destes acontecimentos tem como ponto inicial aulas teóricas acerca do local e de sua história e desenvolvimento, dadas pelos professores e/ou acompanhantes de viagem. Estas aulas antecedem a ida e preveem o preparo dos estudantes, não só em um âmbito arquitetônico e urbanístico, mas, também, sociocultural. Em um segundo intervalo, já no destino, tem-se os chamados “Momentos Pé na Estrada” que são produtos de determinadas metodologias aplicadas durante a viagem, muitas vezes até pré-apresentadas em alguma das aulas teóricas, do primeiro espaço, de mostra da cidade. Por fim, tem-se a coleta destes resultados para sua apresentação em uma monção que são as “Exposições - Pé na Estrada”, estas exposições reúnem os expoentes das produções dos Momentos, o roteiro da viagem, reflexões e críticas acerca da cidade.

No caso de Belém, as aulas teóricas abordaram a construção da conexão viária entre Brasília-Belém, a formação urbana da cidade sob o ponto de vista morfológico, o apelo paisagístico das propostas de renomados arquitetos como Rosa Kliass, a proposta de cenografia da novela “Dois Irmãos” e a metodologia da Deriva Urbana. Essas palestras têm o intuito de alargar o olhar dos viajantes - e da comunidade acadêmica como um todo - para além da cidade do “cartão postal”, fomentando as atividades que são desenvolvidas em campo.

Os Momentos propostos foram organizados em três atividades: (1) a deriva urbana no Campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), realizada em grupos de até quatro estudantes; (2) o desenvolvimento de desenhos da flora encontrada no parque Mangal das Garças e, posteriormente, sua releitura por meio da abstração geométrica;

e (3) a captura de fotografias do Centro Histórico de Belém, a partir das quais solicitava-se a montagem de paletas de cor;

A Teoria da Deriva Urbana criada em 1958 por Guy Debord, é um método de investigação, reflexão e proposta acerca da geografia urbana e a percepção do espaço, trabalho desenvolvido dentro dos ideais do Movimento Internacional Situacionista (JACQUES, 2003). De fortes práxis política, a deriva vem da perda do reconhecimento do sujeito em um espaço, no caso, urbano, e o resultado desta deriva, muitas vezes, como para o Momento proposto, foi o desenvolvimento de um mapa de percepções sensoriais. Tem-se, com isso, um processo psicogeográfico de descoberta e reconhecimento do lugar que é a cidade e de sua configuração, além da captação do verdadeiro impacto de marcos e estruturas proeminentes na paisagem urbana.

Em segundo lugar, o desenho geométrico é o processo de construção que se constitui com a abstração das formas reais até sua planificação nos eixos x e y, nos quais a forma ganha características imagéticas de duas dimensões (BRAGA, 1997; CARVALHO, 1974). O desenho geométrico puro vem da desconstrução da forma complexa em simplificações que transmitem sua verdadeira identidade e desenvolvimento estrutural. Este tipo de processo, como o proposto, propõe uma intensa racionalização e análise científica, promovendo esforços de leitura e interpretação.

No último Momento, tem-se uma vontade de renovar as discussões acerca da percepção sensorial e emotiva da cidade através de suas cores e o próprio estudo do fenômeno cromático como unidade agregadora do espaço, em tom cultural ou não (GAGE, 1993). Foi feito, com isso, um estudo fotográfico para a leitura cromática real do centro cidade de Belém, objeto de estudo. A utilização da fotografia na arquitetura se dá por suas similaridades:

A fotografia evoca junto ao espectador associações de imagens sobre o momento que precedeu e o que segue a tomada. O fragmento fotográfico prolonga, através da ação da imaginação, o acontecimento anterior e posterior de uma determinada ação. Esta particularidade faz da fotografia uma arte do tempo e do espaço, assim como a arquitetura. Ela é uma expressão onde predomina uma dimensão espacial, que apresenta uma instantaneidade de uma dinâmica da cidade artificialmente interrompida. Este poder de interromper o tempo e realizar ao mesmo tempo uma relação com o passado e com o futuro através do olhar e da imaginação do observador, é que implica na possibilidade da linguagem da fotografia ser um processo de reflexão sobre o meio e sobre a arquitetura. (CIDADE, 2002, p. 11)

Os materiais utilizados foram papel, lápis e nanquim, além de equipamento de fotografia, para desenvolvimento dos Momentos. A Exposição Belém, ou EXPO Belém, aconteceu em abril de 2018, contando com materiais reciclados, como papelão e madeira de reuso, e impressões diversas.

RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO

Os Momentos tornam a experiência das viagens mais palpáveis. Através destes, pode-se observar, sentir e experimentar um pouco da bagagem que cada participante adquiriu. O mais interessante ao compará-los são as diferentes percepções dos alunos sobre o mesmo espaço.

Este material produzido pelos estudantes foi recebido pela Equipe Pé na Estrada para compor a Expo Belém³. Para a montagem da exposição, o espaço da Galeria Christina Jucá foi ambientado em dois momentos: a Belém Amazônica e a Belém Urbana. O primeiro foi marcado pela utilização de plantas, madeira exposta e um barco como elemento chave, buscando-se a representação do bioma amazônico e a forte relação com as águas que ocorre na cidade. No segundo, buscou-se retratar uma Belém mais real, cidade de edifícios em altura de arquitetura globalizada, contrastando com o senso comum sobre a metrópole. Os trabalhos produzidos pelos estudantes foram expostos buscando-se uma abordagem lúdica e interativa.

O painel “Deriva Urbana” advém de uma atividade realizada em grupos pequenos de estudantes, no Campus da Universidade Federal do Pará – UFPA que teve como produto um mapa de percepções sensoriais. Estes trabalhos foram expostos em um painel que buscou remeter à floresta amazônica formando uma cortina que instigava o visitante a explorar para revelar os mapas.(Figura 3).



Figura 3. Painel “Deriva Urbana”. Foto: Júlia dos Anjos, 2018 (acervo próprio)

No painel “Natureza e Abstração” foi proposto um jogo para encontrar os pares: um desenho realístico e uma composição em duas dimensões. Tais composições foram geradas a partir da abstração geométrica de desenhos da flora e fauna encontradas no parque Mangal das Garças.(Figura 4). Inseriu-se os desenhos dos participantes em diversos envelopes, decorados com representações dos pisos de ladrilho hidráulico e azulejaria das fachadas que marcam a estética da arquitetura de Belém.

³ O projeto de expografia da Expo Belém foi com apoio do Laboratório de Cenografia Biombo, Projeto Estudantil da FAU/UnB.

O painel “Escala Pantone” trouxe registros fotográficos do Centro Histórico de Belém em conjunto com uma paleta de cor com os seus respectivos códigos no sistema de padronização PANTONE, nos apresentando as diferentes escalas cromáticas da cidade. Esta atividade buscou renovar as discussões acerca da percepção sensorial e emotiva da cidade através de suas cores e materialidade, que muitas vezes iam contra o senso comum sobre Belém. As fotos foram dispostas alternadamente com espelhos mostrando o contraste com a cidade contemporânea descrita sobretudo por edifícios em altura espelhados.(Figura 5)



Figura 4. Painel “Natureza e Abstração”. Fonte: Júlia dos Anjos, 2018 (acervo próprio)

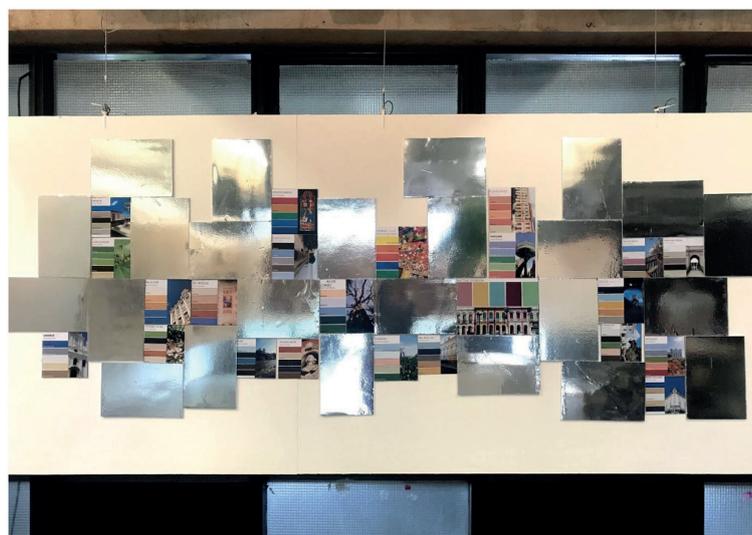


Figura 5. Painel “Escala Pantone”. Fonte: Júlia dos Anjos, 2018 (acervo próprio)

Os diários de viagem, ou seja, as cartilhas que cada participante recebe e insere suas observações pessoais, desenhos e outras lembranças da viagem, também apresentaram resultados singulares. Estes também permitem ampla liberdade de apresentação, o que nos mostrou a diversidade de formas de organização e apresentação de material de pesquisa pelos estudantes de Arquitetura e Urbanismo. Eles foram expostos numa rede de pesca presa em um barco cenográfico, representado a presença do rio Guamá na paisagem da cidade de Belém (Figura 6).



Figura 6. Diários de viagem na Expo Belém. Fonte: Júlia dos Anjos, 2018 (acervo próprio)

Essa atividade ressalta a atuação multidisciplinar do profissional arquiteto e urbanista enquanto um fomentador do diálogo sobre o espaço em suas diversas escalas: da cidade à uma sala de exposição, por exemplo. Ademais, a exposição não buscou apenas mostrar o que foi produzido na viagem, mas também se mostrou como um momento para a própria equipe extrair os elementos-chaves e reproduzi-los de forma que toda a comunidade universitária consiga entender a importância da experimentação da(s) cidade(s).

CONCLUSÃO

O projeto Pé na Estrada possibilita uma experiência prática de aprendizado em tempo real e in loco. O estudante de arquitetura entra em contato com as diferentes paisagens do Brasil ampliando seu repertório e seu entendimento do local sobre diferentes perspectivas. Além de ir, ver e visitar, o estudante produz material por meio dos Momentos e os expõe, trazendo para a universidade suas percepções sobre o local visitado e possibilitando uma troca de conhecimentos.

A exposição é uma forma de sensibilizar outros alunos de arquitetura, mas, prin-

principalmente, a comunidade externa sobre as diferentes maneiras de se vivenciar, sentir e observar uma cidade. Por isso, a expografia é pensada de forma simples e lúdica para que tanto profissionais e estudantes da área quanto qualquer outro tipo de público possa se interessar e absorver a mensagem que ela passa. A Galeria Christina Jucá fica localizada na entrada norte do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília e recebe um grande número de transeuntes diariamente.

Nesse sentido, cabe destacar a importância da participação dos alunos no processo de construção, vivência e apresentação da viagem. A equipe discente do projeto Pé na Estrada é responsável por boa parcela da organização das atividades, especialmente em termos de infraestrutura geral da viagem (deslocamentos, hospedagem, agendamento das visitas, organização do material gráfico e divulgação da viagem via correio eletrônico e mídias sociais). Além disso, parte deles a escolha do destino da viagem e dos professores que a acompanharão, participando também ativamente nas reuniões pedagógicas da definição do roteiro e dos momentos. Este é um projeto “dos alunos para os alunos”, sem os quais as viagens não existiriam.

Ideológica e pedagogicamente, o projeto Pé na Estrada nasce do entendimento de que a vivência da arquitetura é o que dá sentido à nossa profissão. Ver um edifício através dos livros ou das telas nos dá uma visão incompleta. É preciso percorrer os espaços. Senti-los. Arquitetura pode afetar nosso corpo e nossa mente (HOLANDA, 2013). E, enquanto arquitetos, podemos criar esses efeitos e os resultados podem ser desastrosos. É preciso, pois, que na sua formação acadêmica o aluno seja sensibilizado para as consequências práticas e simbólicas que as decisões projetuais acarretam na vida cotidiana.

Acredita-se que o resultado das vivências proporcionadas pelo Pé na Estrada vai muito além de algo que é entregue e, por fim, exposto. Cada participante leva consigo uma bagagem de aprendizagem arquitetônica, urbanística e, também, de diferentes entendimentos de comunidade, práticas e cultura local. Isso irá refletir na sua formação com arquiteto e urbanista e, conseqüentemente, na atuação profissional de cada pessoa, refletindo mais interesse nas cidades e nos problemas urbanos.

REFERÊNCIAS

ALBERS, J. *Interaction of Color*. New Haven: Yale University, 1963.

BASSALO, Célia Coelho. *Art Nouveau em Belém*. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. 130 p. (Roteiros do Patrimônio).

BRAGA, T. *Desenho linear geométrico*. São Paulo: Ícone, 1997.

BRUAND, Y. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CARVALHO, B. *Desenho Geométrico*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

CIDADE, D. M. A cidade revelada – A fotografia como prática de assimilação da arquitetura. Tese (Mestrado em Teoria, Histórica e Crítica Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GAGE, J. Colour and Culture Practice and Meaning from Antiquity to Abstraction. Londres: Thames and Hudson, 1993.

GEHL, J. Cidades para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLANDA, F. de. 10 Mandamentos da Arquitetura. Brasília: FRBH, 2013

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Contribution to a Situationist Definition of Play. Internationale Situationniste #1, 1958. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/play.html>. Acesso em 12 ago 2018.

JACQUES, P. B. (org). Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LE CORBUSIER. A viagem do Oriente: Le Corbusier. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LYNCH, K. Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACEDO, S.S. Quadro do Paisagismo no Brasil. São Paulo, 1999, 144 p.

MACEDO, S.S; SAKATA, F. M. G. Parques urbanos no Brasil. São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010: institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Publicada no DOU de 18/6/2010, Seção 1, p. 37-38. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192>. Acesso em 29 set. 2019.

PEVSNER, N. Academias de arte: passado e presente. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTANNA, C. G.; GURGEL, A. P. C.; PEDREIRA, A. L. P.; MARQUES, J. A.; MACHADO, N. B. Um pé a céu aberto no Museu de Paisagem de Rosa Kliass: Visita didática a projetos paisagísticos em Belém. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, 2018, Cachoeira do Sul. XIV ENEPEA Santa Maria 2018: Escalas da Paisagem / Universidade Federal de Santa Maria. Cachoeira do Sul, RS: UFSM-CS, 2018. p. 1269-1287.

SWIRNOFF, L. Dimensional Color. Cambridge, MA: Birkhauser Boston, 1989.

SODRÉ, J. C. de A. Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962). 2010. 226 p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - FAUUSP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-14062010-153534/pt-br.php>>. Acesso em 20 jul. 2019.

ZEVI, B. Saber ver a arquitetura. 6ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 286p. (Coleção Mundo da Arte)